APRESENTAÇÃO

Escrevemos esta apresentação em um momento no qual, mais uma vez, somos confrontados com acontecimentos que atravessam nossos territórios e nossas vidas. Enquanto finalizamos esta edição da REMEA, a região da cidade do Rio Grande e de Pelotas no extremo sul do Brasil ainda contabilizam os impactos do temporal - das catástrofes climáticas (Stengers, 2015) - ocorrido em 21 de setembro de 2026, quando ventos superiores a 110 km/h atingiram toda a região, destelharam residências, derrubaram árvores e postes, interromperam serviços essenciais.

Milhares de pessoas ficaram sem energia elétrica, sem conexão de internet, etc. perdendo alimentos que dependem de refrigeração. As chuvas intensas, vendavais, granizo e deslizamentos voltaram a produzir destruição e mortes, no mesmo Estado, que ainda, tem na memória e nas perdas da catástrofe de 2024, bem presentes na vida de todos e todas. Há pouco tempo, soubemos que o governo do estado do Rio Grande do Sul levou 2 anos, ou seja, somente em 2026 elaborou projetos de prevenção, mitigação e preparação para eventos extremos, apesar de ter desde 2024 liberado de pagar a dívida que mantém com a União, para fazê-los!

Talvez, porque a crise climática não atinge todos e todas da mesma maneira, e estes gestores não estão entre os impactados por tais eventos. Os efeitos de uma inundação, de uma enxurrada ou de um vendaval são profundamente diferentes conforme o lugar onde se vive, as condições de moradia, a infraestrutura dentre outras condições materiais e, portanto, são pessoas de baixa renda, que tem poucas possibilidades materiais de reconstruir aquilo que foi perdido, e de comprar bens e utilidades domésticas, moveis, etc. conseguidas com

muito trabalho. Diante disso, retomamos a pergunta que fizemos na nossa primeira apresentação da REMEA:

Mas, o que isso tem a ver com Educação Ambiental?

A Educação Ambiental não pode limitar-se à mudança de comportamentos individuais diante de uma crise que é estrutural, socioeconômica e mundial em decorrência da emergência do Antropoceno. Não basta ensinar a preservar a natureza sem perguntar quem se apropria dela, quem a transforma e a destrói para gerar lucro, riqueza e jogar sobre a sociedade como um todo, ou sobre determinadas comunidades, os impactos negativos de tais processos produtivos empresariais. Uns usufruem da riqueza e sobre outros são jogados os impactos de sua exploração, portanto das consequências ambientais desse modelo de desenvolvimento. É preciso discutir as relações de poder, os conflitos, as desigualdades e as injustiças socioambientais que atravessam as relações entre seres humanos e destes com a natureza como parte das discussões e reflexões da educação ambiental.

Esta edição chega também em um momento decisivo da vida brasileira. Em poucos dias, no dia 4 de outubro, milhões de brasileiros e brasileiras irão às urnas para escolher Presidente da República, governadores, senadores e representantes dos legislativos federal e estaduais para os próximos 4 anos em nosso país. As eleições tornam visíveis diferentes projetos de sociedade em disputa neste processo conflitivo. A disputa eleitoral indica projetos (escritos e apresentados ao Tribunal Superior Eleitoral, mas também, nos materiais de campanha e nos discursos e entrevistas nos meios de comunicação e na propaganda eleitoral) que carregam distintas ideias sobre como enfrentar a desigualdade, as injustiças, a democracia, que tipo de desenvolvimento, de universidade e de educação, sobre o lugar do meio ambiente e a questão das mudanças climáticas e seus impactos, mas também sobre soberania e as relações do Brasil com outros do mundo e da América Latina.

Portanto, as escolhas que realizaremos terão consequências concretas sobre os territórios seja pelos gestores estaduais e nacional, assim como pelas propostas e leis dos legisladores (estaduais, federais e do senado). Por isso, não existe Educação Ambiental apartada da política, entendida aqui em seu sentido mais amplo: como espaço das decisões coletivas, dos conflitos, das disputas e da construção dos caminhos pelos quais organizamos

nossa vida em sociedade. Em tempos de emergência climática, de um lado, mas de negacionistas e do aprofundamento das desigualdades socioambientais e de competição de todos contra todos de outro, defender a produção de conhecimento crítico, a ciência, a educação pública e o debate democrático respeitando as diversidades e diferenças, mas no combate radical às desigualdades, à exploração e à discriminação, também constituem parte dos desafios colocados à Educação Ambiental.

Um ano depois...

Há aproximadamente um ano, quando assumimos a coordenação editorial da REMEA, encontramos uma revista com uma história construída por muitas pessoas antes de nós e com importantes desafios a enfrentar. Entre eles estava um número significativo de manuscritos que aguardavam encaminhamento.

Ao longo desse período, nossa equipe dedicou grande parte de seus esforços à triagem desses trabalhos, permitindo dar vazão a uma parcela significativa dos artigos pendentes e reorganizar progressivamente o fluxo editorial da revista. Foi um trabalho grande, coletivo e, muitas vezes, invisível.

Mas também é preciso reconhecer que nem tudo aquilo que projetamos foi realizado. Naquela apresentação afirmávamos que pretendíamos ampliar os espaços de diálogo e controvérsia acadêmica, convidando pesquisadores e pesquisadoras com acúmulo nas temáticas das edições para produzirem reflexões críticas em diálogo com os artigos publicados. Não conseguimos concretizar essa proposta como imaginávamos. E talvez um balanço verdadeiramente crítico também precise dizer isso. Algumas ideias foram realizadas. Outras avançaram parcialmente. Algumas permaneceram como projetos. E outras poderão encontrar novos caminhos com aqueles e aquelas que darão continuidade à REMEA.

Há um ano dissemos à nossa equipe: “Vocês são imprescindíveis!”. Hoje, ao encerrarmos nossa participação na coordenação editorial da REMEA, repetimos essas palavras com ainda mais convicção aos colegas que nos ajudaram neste ano, e que muitos continuarão em tal labor. Nosso agradecimento a todas e todos que estiveram conosco, que compartilharam seu tempo e seu trabalho na construção desta revista. Em outubro, uma nova equipe editorial assumirá a REMEA.

Nós, Daiane e Carlos, encerramos nossa participação na coordenação sabendo que nem tudo aquilo que desejávamos foi realizado, mas também reconhecendo o quanto conseguimos construir coletivamente neste período. Com desafios ainda presentes, projetos que poderão ser retomados, outros que certamente serão transformados e novos caminhos que caberá à próxima equipe construir.

E desejamos que continue sendo espaço de produção de conhecimento crítico, de diferentes vozes e perspectivas e de uma Educação Ambiental profundamente comprometida com os problemas de nosso tempo.

À equipe que caminhou conosco, nossa gratidão.

À nova equipe, nossos desejos de uma excelente caminhada.

E à REMEA, vida longa!

Daiane Teixeira Gautério e Carlos Roberto da Silva Machado

Coordenação Editorial da REMEA

Setembro de 2026